Crianças, escolas, pais e prefeitura

CESAR MAIA

A matrícula das crianças nas escolas, para usar o jargão dos economistas, é uma questão de oferta ou de demanda de matrículas?

A resposta deveria ser: uma questão de oferta por parte de governos responsáveis, que devem ir atrás das crianças e de suas famílias para criar as melhores condições de atração para as escolas.

Mas é também, e simultaneamente, uma questão de demanda por parte dos pais responsáveis, que querem ver seus filhos nas escolas e lutam para matriculá-los. Quando os pais têm renda disponível, podem optar entre uma escola pública ou privada. Mas quando não têm renda suficiente, ter os filhos na escola significa ter vagas disponíveis nas escolas públicas.

Um estudo comparado entre a população infantil e infanto-juvenil do Rio e as matrículas nas escolas públicas nos permite avançar na hipótese sobre o comportamento dos governos e dos pais em relação às matrículas escolares.

Os números que apresento abaixo permitem tirar duas conclusões ou, pelo menos, adiantar duas hipóteses.

A primeira nos diz que no Rio, pelo lado da demanda, os pais, todos, estão absolutamente conscientes da necessidade de seus filhos estarem em escolas na idade entre 6 e 10

anos. Mas antes e depois desta faixa de idade, eles não têm a mesma consciência.

A segunda hipótese nos diz que os governos municipais têm respondido bem à demanda de vagas nas escolas, mas não têm ido suficientemente ao encontro dos pais para conscientizá-los, abrindo de forma antecipada as vagas necessárias.

Isto não descarta o fato de que os governos tenham tomado iniciativas específicas de ampliação de vagas, de programas de atração, como o Bolsa-Escola. No entanto, essas iniciativas ainda não foram suficientes para que a dinâmica de oferta e demanda de vagas nas escolas atingisse a maturidade em relação às faixas extremas de idade: até 5 anos e 11 a 14 anos.

Vejam os números. Até 4 anos existem no Rio 85.800 crianças por cada faixa de um ano de idade. Entre 5 e 9 anos, o número por cada faixa de um ano de idade é de 88 mil crianças e, entre 10 e 14 anos, este índice aumenta para 97 mil crianças por faixa de um ano de idade. São dados ajustados do censo do IBGE. Nas creches da prefeitura, próprias e conveniadas, existem aproximadamente 50 mil crianças, ou seja, 20% de um total de 255 mil crianças que se encontram em idade de estar nas creches. Na pré-

escola ou jardim de infância municipais, há 70 mil crianças ou 27% das 255 mil crianças que se encontram em idade de estar num jardim de infância.

É provável que nesta faixa de idade — creches e pré-escola — mais do que em outras, se viva o duplo fenômeno de uma dinâmica insuficiente de vagas e de uma frágil consciência dos pais sobre a importância de os filhos estarem na escola. No jardim de infância, o déficit em 1992 era tão grande — menos de 10% das crianças

em idade de estarem na escola a frequentavam — que o jogo de oferta e demanda de vagas terminou por imprimir uma expansão entre 1993 e 2000, ultrapassando a triplicação das vagas. Mesmo assim, chegou-se a um número anêmico de 27% do total da população infantil específica.

As classes de alfabetização mostram que neste ponto ocorre o encontro entre o número de vagas e a consciência dos pais. De 88 mil crianças nesta faixa etária, 55 mil, ou 62%, estão matriculadas. No primeiro segmento do ensino básico — o antigo curso primário — da primeira à quarta série do primeiro grau existem 360 mil crianças nas escolas públicas, o que representa 102% de um total de 352 mil crianças nesta faixa de idade.

Ou seja: há mais vagas que crianças. Isto se explica pelo número de crianças fora de idade para este nível escolar ou repetentes. Mas este índice mostra, principalmente, que a consciência dos pais quanto à importância de seus filhos estarem, nesta faixa de idade e de ensino, obrigou os governos, através dos anos, a darem uma resposta adequada. Aqui tivemos um jogo solidário e sinérgico entre governo e pais.

Finalmente, no segundo segmento de ensino básico — quinta à oitava série — volta a haver uma defasagem entre as matrículas e o número de adolescentes. São 250 mil matrículas para 388 mil adolescentes, ou seja, 64%. Mesmo assim, este número é alto por conta de adolescentes repetentes e fora da faixa de idade para estas séries.

Percebe-se, novamente, o encontro de uma dinâmica insuficiente do setor público e da consciência frágil dos pais ou da necessidade de o filho estar fora da escola para ajudar em casa, sem esquecer da falta de atração por parte da escola para o jovem.

Supondo que 80% das famílias cariocas precisassem de vaga em escola pública para seus filhos, seria possível desenhar uma curva de consciência público-privada que teria uma forma sinuosa. Fazendo alguns ajustes, o início da curva seria em 30% das necessidades escolares supridas. Depois, esta curva crescerá para 75% nas classes de alfabetiza-

ção, chegaria a 100% no curso "primário" e voltaria a cair para 65% no segundo segmento, o antigo ginásio. Evidentemente, neste último caso os 65% são uma média entre um número maior na quinta série, talvez 80%, e um menor na oitava, talvez 50%.

Um estudo do CPS-FGV comparando o trabalho infantil (de 10 a 14 anos) em algumas capitais — Rio, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte e Salvador — mostra que a taxa é menor exatamente no Rio. Para os 4,1% de crianças/adolescentes trabalhando em São Paulo, os 3,4% de Porto Alegre, os 4,3% de Belo Horizonte, o Rio registra 2,2%.

É provável que estas diferenças possam ser explicadas pela curva das matrículas apresentada acima. Onde o Rio fez bem o seu dever de casa, os resultados mostram números muito positivos quando comparados com São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. E mostram também que, se a prefeitura e as famílias aumentarem as porcentagens de crianças nas escolas em educação infantil e no segundo segmento, no final do atual quadriênio teremos indicadores sociais infanto-juvenis muito melhores.

É, portanto, nos dois pólos — até 5 anos, principalmente, e 12 a 14 anos — que o esforço da sociedade, governo e pais deve se concentrar de forma enfática.

CESAR MAIA é prefeito do Rio.